

Cadernos do Cáucaso-Revista do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso
Grupo de Pesquisa de Política Internacional -UFRJ
ISSN: 2674-5801 site: www.gppi-ufrj.com

A QUESTÃO DO GENOCÍDIO ARMÊNIO NAS RELAÇÕES ENTRE A TURQUIA E A ARMÊNIA

Nathana Garcez Portugal
CFCH/NEPP-DH/UFRJ

Orientador:
Dr. Prof. Alexander Zhebit
CFCH/CCJE - UFRJ

Coorientadora:
Elitza Lubenova Bachvarova
PPGHC/IH - UFRJ


RESUMO:

O Genocídio Armênio perpetrado pelo antigo Império Otomano, durante a Primeira Guerra Mundial, é considerado um episódio que gerou consequências tão profundas que seus resquícios ainda influenciam diretamente a história da população e do Estado armênio. Em consequência dele surgiram fenômenos e eventos como a diáspora armênia - com a sua luta pelo reconhecimento do Genocídio - e o conflito de Nagorno-Karabakh que afetam até hoje a área do Cáucaso. Neste artigo, considera-se que o Genocídio Armênio é o evento central e determinante para a história do relacionamento entre Turquia e Armênia no último século. Dessa forma, a hipótese deste trabalho é que a falta de reconhecimento internacional do genocídio e a não responsabilização são não somente os principais fatores para a manutenção de uma situação política instável na região do Cáucaso, como também as principais causas do não relacionamento diplomático entre a Turquia e a Armênia. Além disso, o artigo também tem como objetivo analisar como esses acontecimentos e, por conseguinte o Genocídio ainda afetam a região do Cáucaso e o relacionamento entre a Turquia e a Armênia.

Palavras-chave: Genocídio; Segurança Regional; Armênia; Turquia; Relações turco-armênicas.

ABSTRACT:

The Armenian Genocide, perpetrated by the old Ottoman Empire during the First World War, is considered to be an episode that generated consequences so significant that its remnants still directly influence the history of the Armenian population and State. A few phenomena such as the Armenian Diaspora – along with its strive for the genocide recognition – and the Nagorno-Karabakh conflict emerged as a consequence of this massacre, and until now a days still affect the Caucasus Region. In this article, it is assumed that the Armenian Genocide is the main event, and the most relevant one, for the history of the Turkey-Armenia political relations during the last century. Hence, this article's hypothesis relies on the presumption that the lack of international recognition of the genocide and the unaccountability that followed it are not only the central factors for the maintenance of an instable political situation on the Caucasus Region, but also the sources of the non-diplomatic relationship between Turkey and Armenia. Furthermore, this article also intends to analyze how these events and, therefore, the genocide



still affect the Caucasus Region and the Turkey-Armenia relations.

Keywords: Armenian Genocide; Regional Security; Armenia; Turkey; Armenia-Turkey relations.

INTRODUÇÃO

Existem acontecimentos históricos que, devido a circunstâncias específicas, passam a ter a capacidade de ultrapassar a barreira do tempo e tornarem-se onipresentes dentro de uma sociedade. Dentre estes acontecimentos, os eventos violentos que resultaram na morte de pelo menos um milhão de armênios no Império Otomano, entre 1915 e 1923, merecem destaque por duas importantes razões: a influência que exercem dentro da sociedade armênia e a impunidade que os rodeia internacionalmente. Esses dois fatos observados acima são, neste artigo, considerados consequências diretas de um dos primeiros genocídios do século passado e são duas das principais causas de alguns conflitos na região do Cáucaso além das atuais tensões entre Armênia e Turquia, este último o país considerado sucessor do legado do Império Otomano após a sua dissolução.

O Genocídio Armênio foi resultado de uma série de políticas violentas do governo do Império Otomano e hoje é o ponto central para a manutenção da cisão no relacionamento diplomático entre dois países da região do Cáucaso: a Armênia e a Turquia. Segundo Aharon Sapsezian, o genocídio foi gerado por motivações que versam desde o ódio à minoria armênia cristã dentro do Império Otomano até a importância estratégica da região para a manutenção da segurança das fronteiras do império (SAPSEZIAN, 1988). Ainda segundo o autor, os massacres se perpetuaram por meio de deportações forçadas, ataques às populações armênias desarmadas, estupros, recrutamento forçado para o exército, entre outras ações que afetaram a vida não só daqueles que viveram o genocídio como também das gerações posteriores de armênios e dos perpetradores dos ataques, guardadas as devidas proporções.

Essas marcas históricas causadas pelo sofrimento e pelas mortes armênias foram acentuadas por um processo de responsabilização incompleto, focado mais em indivíduos do que no Estado turco-otomano. Até 1946, não havia lei internacional que tipificasse o genocídio como um crime contra o Direito Internacional como acontece nos moldes atuais. Impulsionada pelo fim da Segunda Guerra Mundial e pela necessidade de responsabilização do Holocausto, a comunidade internacional criou leis e instituições que poderiam ter jurisdição sobre genocídios como a Convenção Para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio e a Corte Internacional de Justiça, por exemplo. Porém Armênia e Turquia, com maior destaque para os turcos, permaneceram sem aceitar suas jurisdições, o que inviabilizou o processo de responsabilização total do Genocídio Armênio. Com essa inviabilidade, a responsabilização parcial e individual do genocídio via Direito Internacional pode ser considerada a principal causadora do sentimento de impunidade criado na sociedade armênia.

Além disso, uma hipótese levantada aqui é a de que o parco processo de responsabilização é uma das principais causas dos problemas políticos e diplomáticos que ainda envolvem as duas principais nações envolvidas nos acontecimentos do início do século XX. Para verificar a viabilidade da hipótese, o referente trabalho procurou analisar as ligações entre o Genocídio Armênio e a história do não relacionamento entre a Armênia e a Turquia além do histórico de grandes tensões envolvendo os armênios na região do Cáucaso. Isso foi feito a partir de uma análise qualitativa de fontes secundárias, documentos e reportagens sobre o tema.

1. A RELAÇÃO E AS TENSÕES ENTRE ARMÊNIA E TURQUIA

Para fazer as correlações intencionadas foi necessário retornar ao período logo após o genocídio. Entre 1923 e 1991, a República Socialista Soviética da Armênia fez parte da União Soviética e não tinha autonomia para conduzir sozinha uma política externa ou as relações diplomáticas com a recém-criada Turquia. Essa incapacidade impediu que qualquer diálogo sobre o genocídio e uma responsabilização deste fosse iniciado entre os governos turco e armênio. A falta de um diálogo ou posicionamento sobre o caso possibilitou e causou, em um longo prazo de quase setenta anos, a solidificação do sentimento de impunidade e revolta entre os sobreviventes do genocídio que viviam na Armênia soviética e nos locais da diáspora armênia, como a região de Nagorno-Karabakh, no Azerbaijão, país com laços culturais com a Turquia. Nessa região, a memória do Genocídio, conservada pelos sobreviventes, acabou por fortalecer o sentimento nacional entre os armênios ali residentes que constituíam quase 80% da população local no fim da década de 1980.

Com o passar dos anos esse sentimento se solidificou em um movimento nacionalista, durante o período de surto de movimentos nacionalistas na União Soviética, com a Perestroika. Em 1988, a maioria dos deputados do congresso soviético, em Karabakh, decidiu em votação pedir a Moscou a transferência da região para o território soviético armênio. Como Moscou negou o pedido, os habitantes da região decidiram empreender uma luta por independência que visava criar a República de Nagorno-Karabakh, independente do Azerbaijão, que deveria ser incorporada posteriormente à Armênia. Essa luta política iniciada antes do fim da União Soviética resultou em um conflito armado entre os habitantes da região, apoiados pela Armênia, e o Azerbaijão, entre 1991 e 1994.

O conflito interrompido em 1994 por um cessar-fogo, mostrou a grande capacidade de organização e influência da diáspora armênia nas relações políticos internacionais e também foi o principal norteador recente dos caminhos trilhados no (não) relacionamento entre a Armênia e a Turquia. Com relação à diáspora, é possível concordar com Alla Mirzoyan quando o autor diz que a atuação da comunidade armênia foi essencial para as conquistas no conflito de Nagorno-Karabakh (MIRZOYAN, 2010, p.139). A sua influência no governo americano foi fundamental para a adição de uma seção específica no *Freedom Support Act*¹ que impedia que os Estados Unidos enviassem qualquer ajuda financeira direta ao Azerbaijão, em decorrência dos embargos azerbaijanos feitos à Armênia e a Nagorno-Karabakh. Além disso, foi a partir das atuações da comunidade armênia nos Estados Unidos que o apoio financeiro norte americano para a Armênia foi assegurado, sendo a maior ajuda financeira per capita a um país recém-independente naquele momento.

De fato, o que se pôde ver nos anos de guerra é que a diáspora armênia em diversos países como Rússia, Estados Unidos, França e Irã se organizou de forma a assegurar, se não um

1 Lei promulgada em 1992 pelo congresso americano que tinha como objetivo assegurar a liberdade e a abertura comercial da Rússia e das emergentes democracias eurásianas.

apoio formal e oficial, mas a simpatia desses governos para o lado armênio, aqui visto como uma etnia, no conflito. Uma das exceções a essa influência foi a Turquia.


Durante o primeiro momento das beligerâncias entre Armênia e Azerbaijão, a Turquia decidiu-se pela neutralidade. Seguindo essa política neutra, ela passou a mediar com Rússia, França, Estados Unidos, as conversações entre os já independentes Azerbaijão e a Armênia, via o Grupo de Minsk². Porém em contraste com a atitude oficial, a população turca apoiava o Azerbaijão na disputa, e a pressão popular levou o governo turco a tomar medidas a favor do país azeri e restringir a passagem de produtos armênios pelo seu território, em direção ao conflito⁵. Apesar de liberarem a passagem de ajuda humanitária, as restrições turcas foram o estopim para que a Armênia tomasse medidas consideradas ofensivas.

A administração armênia declarou não reconhecer suas fronteiras com a Turquia e fez oficialmente um pedido para que os turcos cedessem a parte de seu território com populações armênias, conquistadas durante os massacres de 1915-1923, uma região conhecida como a Armênia Wilsoniana. Além disso, fez declarações exigindo o reconhecimento dos assassinatos à época como genocídio. Esse fator, juntamente com o apoio do governo armênio à região de Nagorno-Karabakh, fez com que a Turquia mudasse sua postura e declarasse oficialmente o apoio ao Azerbaijão no conflito, tanto diplomaticamente nas Organizações das Nações Unidas quanto em termos práticos, com o financiamento logístico para o país vizinho. Por fim, em 1993 a Turquia fechou suas fronteiras com a Armênia e impôs um forte embargo econômico ao país como ato final de represália contra a postura armênia no conflito e nas Nações Unidas (CORNELL, 1998, p.64).

Após 1993, o relacionamento entre a Armênia e a Turquia entrou em nova fase de deterioração que foi agravada tanto pela situação em Nagorno-Karabakh quanto pelo embargo econômico turco para com os armênios que resultou em graves problemas financeiros para a economia armênia. A Armênia passou por um período de sucateamento de sua indústria com o fim dos investimentos que eram feitos pela URSS e os esforços de guerra no conflito em Nagorno-Karabakh, o fechamento de fronteiras e embargos econômicos não só exauriram a sua economia como geraram uma crise econômica com superinflação no país. A década de 1990 foi um período bastante delicado para a história dos dois países que tiveram picos de divergências em vários assuntos sociais, econômicos e políticos, como pode ser visto. Nesse quadro, a busca pelo reconhecimento do Genocídio pela diáspora e por alguns governos armênios foi apenas uma parcela da delicada situação política no sudoeste do Cáucaso.

A situação do relacionamento entre os dois países só apresentou alguma mudança em 2001 quando uma série de fatores deu início a um período de amenização da tensão existente. Entre esses estiveram a criação da Comissão Turco-Armênia de Reconciliação, constituída por estudiosos dos dois países que procuravam pressionar os dois governos a iniciar uma reaproximação entre os Estados, a suspensão das restrições de concessão de visto turcas feitas a cida-

2. Grupo criado em 1992 pela Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (CSCE) com o objetivo de encorajar Azerbaijão e Armênia a resolverem pacificamente o conflito em Nagorno-Karabakh.



dãos armênios e a declaração do parlamento alemão incentivando ambos os países a buscarem uma reconciliação que se baseasse no exame minucioso, feito de forma conjunta, dos acontecimentos entre 1915 e 1923. A ênfase na busca conjunta pela aproximação tendo como um dos pilares centrais a revisão da parte mais dura da história do relacionamento entre as duas nações acabou por ser um dos pontos-chave para que os dois governos buscassem independentemente ações que mostrassem essa intenção de aproximação.

Seguindo esse momento mais ameno, em 5 de setembro de 2008 os primeiros contatos diplomáticos entre os países foram iniciados. Neste ano se iniciou o que ficou conhecido como a “diplomacia do futebol” e pela primeira vez na história o presidente turco, Abdullah Gül, visitou a capital Yerevan da Armênia como convidado do presidente armênio, ato que aproximou os dois países. Dada a aproximação, ambos os países decidiram iniciar, mediados pelo governo suíço e pelos Estados Unidos, discussões internas visando o reestabelecimento de relações diplomáticas. A diplomacia do futebol teve como principal resultado a assinatura de protocolos que garantiam, entre outras coisas, a reabertura das fronteiras entre os países e o restabelecimento das relações diplomáticas entre Armênia e Turquia. Infelizmente, como a política internacional não necessariamente caminha visando relacionamentos pacíficos, os anos seguintes representaram uma reviravolta nos avanços que haviam sido conquistados a duras penas no cenário entre as duas nações.

Em 2010, os parlamentos turco e armênio desistiram do processo de ratificação dos protocolos e a diplomacia do futebol acabou por se mostrar ineficaz. O principal motivo para essa desistência foi a mudança de postura oficial turca sobre a normalização das relações entre os dois países (MONTEIRO DE CARVALHO, 2017, p.74). Em maio do ano anterior, o primeiro ministro turco à época, Recep Tayyip Erdogan, já dava sinais dessa mudança ao afirmar, em evento oficial no Azerbaijão, que a Turquia não reabriria suas fronteiras com a Armênia até que as tropas armênias se retirassem da região de Nagorno-Karabakh. O mais provável é que a Turquia tenha voltado atrás em suas posturas mais abertas em relação à Armênia por conta de uma pressão feita pelo governo azerbaijano no período após o anúncio da assinatura dos protocolos. Uma reaproximação entre turcos e armênios em um período de tensões e disputas não era interessante para o Azerbaijão. Portanto, o governo azerbaijano se utilizou do interesse turco em seu petróleo e condicionou a realização de uma série de projetos relacionados a gasodutos estratégicos para os turcos à manutenção da postura antagonica em relação aos armênios. Além disso, também é importante ressaltar que a opinião pública turca era contrária à normalização das relações entre Turquia e Armênia.

Essa manutenção de um antagonismo entre Turquia e Armênia frustraram os planos armênios para criar mais rotas seguras de ligação com o mercado europeu. Atualmente, o país continua a ser alvo do bloqueio das fronteiras e do embargo econômico turco, que inviabiliza qualquer tentativa de aumento de comércio com a Europa. Dessa forma, a Armênia se vê obrigada a continuar reforçando suas alianças com a Rússia que é um dos maiores Estados exportadores de petróleo para o país. Além da Rússia, Irã e Geórgia também se veem extremamente beneficiados por esse encurralamento feito por Turquia e Azerbaijão às possibilidades de comércio armênias. Isso acontece porque todas as rotas de gasodutos e oleodutos que ligam o

Mar Cáspio a Europa passam pela Geórgia e não pela Armênia. Por sua vez o Irã se beneficia pela maior capacidade de arbitrar valores de exportação do seu petróleo para a Armênia porque, com os bloqueios, este tem suas opções de compra restringidas a poucos países.

A situação da Armênia dentro do contexto do Cáucaso, por tudo que foi dito, é bastante complexa, o que até mesmo influencia as relações internas. Ao mesmo tempo em que a diáspora Armênia em diversos países advoga pelo reconhecimento internacional do Genocídio Armênio, o que certamente distancia o país de seu vizinho a oeste, alguns setores políticos internos olham para a questão econômica e entendem que é necessário o estabelecimento de relações com a Turquia justamente por conta da fragilidade econômica e geopolítica que é sofrer embargos em duas frentes, por dois vizinhos. Essa divergência de prioridades se revela em embates políticos dentro dos governos armênios desde a metade da década de 1990.

Além do contexto de disputas internas, por vezes a diáspora armênia mostrou sua força política no âmbito internacional, o que implicou de forma importante nas tensões entre Turquia e Armênia, já que a maior reivindicação da diáspora é o reconhecimento internacional do Genocídio Armênio perpetrado pelo Império Otomano (MACDOUGALL, 2009, p.186). Uma das maiores vitórias nesse sentido foi a da comunidade armênia na França quando a Assembleia Nacional Francesa reconheceu os massacres do período entre 1915 e 1923 como o Genocídio Armênio. As atuações dessa e de outras partes da diáspora pelo mundo, como o frequente lobby armênio dentro do congresso americano que por vezes se mostra bem-sucedido, como visto no caso do conflito de Nagorno-Karabakh, por diversas vezes suscitaram um recrudescimento das desconfianças turcas e em um conseqüentemente afastamento entre os dois países.

Essas desconfianças muitas vezes geraram respostas violentas de grupos nacionalistas turcos. Um dos casos mais conhecidos foi o assassinato, em 2007, do jornalista turco de origem armênia Hrank Dink por Ogün Samast, um jovem ultranacionalista turco. O jornalista, editor chefe da revista Agos, tinha posicionamentos a favor do reconhecimento pela Turquia do Genocídio Armênio. O assassinato gerou comoção e diversas notas pesar foram emitidas por políticos, jornalistas e até mesmo pelo ministério das Relações Exteriores da Turquia. As investigações que se seguiram levaram à prisão do mentor do crime, do assassino e também de policiais acusados de negligência no caso. Mesmo assim, o fato foi mais uma vez afastou os dois países e ainda prejudicou as possibilidades de entrada da Turquia na União Europeia. Também por conta de ameaças do mesmo grupo ultranacionalista, o escritor ganhador do Nobel de Literatura e defensor do reconhecimento do genocídio, Orhan Pamuk, fugiu da Turquia. Isto e algumas leis turcas mostram que o assunto ainda é considerado um tabu e revelam que a recusa de diálogo por parte do governo turco sobre os assassinatos no século passado gera como conseqüência uma postura nacionalista perigosa de parte da população turca que ameaça o bem-estar da diáspora armênia no país, principalmente quando essa tenta discutir os assassinatos e o seu significado com uma historiografia que contraria a tradicional turca.

Em 2014, houve uma inflexão nesse posicionamento do governo da Turquia quando este apresentou pela primeira vez condolências aos armênios que perderam suas vidas no contexto de princípios do século XX. Mesmo sem se referir aos acontecimentos como genocídio,

conforme registrou Sebnem Arsu para o *The New York Times*³, o ato pode ser considerado como uma representação da busca pela aproximação entre os dois países. No entanto, o recrudescimento recente do conflito de Nagorno-Karabakh, com novos combates em 2016 entre tropas azerbaijanas e armênias, novamente colocou qualquer projeto de aproximação um pouco mais distante, já que Turquia e Azerbaijão têm fortes laços étnicos e também acordos militares de cooperação em caso de agressão a um dos países.


CONCLUSÕES

Depois de analisar como se sucederam as relações entre as duas nações após o Genocídio Armênio, ainda se mostra difícil e distante o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países. Se por um lado existe uma recusa turca em admitir os atos do Império Otomano como genocídio que não parece poder ser contornada, por outro lado existe uma forte pressão internacional tanto dos armênios da diáspora, que constituem uma força política importante em vários países, quanto dos armênios que ainda vivem no país do Cáucaso para que o Genocídio Armênio seja reconhecido pelas autoridades turcas. Esse reconhecimento geraria consequentemente não apenas efeitos sociais e históricos, mas também os efeitos legais para a Turquia os quais o país procura evitar. Dessa forma, com a manutenção de posições antagônicas também são mantidas as tensões entre os dois países e na região do Cáucaso.

Inspirado em processos de reconciliação como o feito entre Hutus e Tutsis em Ruanda, após o genocídio que assolou o país na década de 1990, se considerou aqui que enquanto os dois países não cederem e procurarem o diálogo reconciliatório, não será possível manter um relacionamento entre os dois Estados que enfrentam a questão do genocídio e o conflito de Nagorno-Karabakh. O que esse trabalho propõe como hipótese é que seja implementada outra política, mais baseada nos conceitos de Hannah Arendt sobre reconciliação no seu livro “*A condição Humana*” (1958), do que a que foi implantada até hoje que apesar de ter méritos vistos nos pequenos passos para uma aproximação, se mostra incapaz de conquistar o seu objetivo final: o estabelecimento de relações diplomáticas entre Turquia e Armênia.

Reconciliação, para Hannah Arendt em *A Condição Humana*, seria o reconhecimento mútuo de um ato cometido no qual existe a vontade do perpetrador de partilhar as consequências do ato errado em conjunto com a vítima que simboliza um caminhar juntos. Nesse caso, seria importante que a Turquia se dispusesse a reconhecer o Genocídio Armênios, a encarar as consequências deste tanto legais quanto sociais do mesmo e que a Armênia tomasse uma posição mais aberta ao diálogo com os turcos. É verdade que este artigo trata os massacres como genocídio desde o seu início e considera justa e correta a luta de todos os armênios para que sua história não seja apagada pela falta de reconhecimento sobre o mesmo, porém ele também visa dar sugestões ou levantar hipóteses sobre como seria possível levar adiante o processo de reconciliação que esbarra hoje em divergências, falta de vontade política e diálogo entre os dois

3. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2014/04/24/world/europe/turkey-offers-condolences-to-armenians-over-killings.html>>. Acesso em: abr. 2018.



países. Esse processo de reconhecimento, reconciliação e responsabilização em conjunto é vital para que a dor dos armênios seja amenizada e sua história respeitada o mais rápido possível como é o desejo armênio.

Ainda para Laura Bastos (BASTOS, 2013, p.199), o perdão apesar de não ser a melhor resposta a um crime porque traz uma relação baseada em uma solidariedade negativa é um importante elemento da reconciliação política porque esse perdão torna possível existir uma política na qual os membros dos Estados possam contestar suas perspectivas de violência no passado e a importância destas para um relacionamento político entre os dois. Portanto, e apesar de considerar difícil que políticos turcos concordem com essa perspectiva por conta de fatores como doutrina e mudança de governo, a hipótese deliberada aqui é a que são necessárias a resolução pacífica do conflito em Nagorno-Karabakh e a construção de uma estrutura de segurança duradoura nas relações não apenas entre os dois países como em todo o Cáucaso. Porém, para além disso, o mais importante a ser registrado aqui é que seria extremamente benéfico para os dois países se fosse usada uma perspectiva próxima a de Arendt para trabalhar o processo de aproximação, reconciliação e construção de um relacionamento diplomático e político entre as duas nações que já se veem em um século de discordâncias, grandes tensões, não relacionamento e guerras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1958.

ARSU, Sebnem. *Turkey Offers Condolences to Armenians Over Killings*. Estados Unidos: The New York Times, 23 abr. 2014. Europe Section.

BASTOS, Laura. *A reaproximação política entre a Turquia e a Armênia segundo o pensamento de Hannah Arendt*. Lisboa: Instituto Português de Relações Internacionais. Revista de Imprensa Internacional. No. 40, dez. 2013.

CORNELL, E. Svante. *Turkey and the Nagorno-Karabakh Conflict: A Delicate Balance*. In: _____. *Middle Eastern Studies*. [s.l.]: Nacka: Institute for Security & Development Policy, Volume 34 No. 1, Jan. 1998, p. 51-72.

CROISSANT, Michael P. *The Armenia-Azerbaijan conflict: causes and implications*. Westport: Greenwood Publishing Group, 1998.

CROISSANT, Michael P.; ARAS, Bülent. *Oil and geopolitics in the Caspian Sea region*. Westport: Greenwood Publishing Group, 1999.

HUMAN RIGHTS WATCH, *Azerbaijan: Seven Years of Conflict in Nagorno-Karabakh*. Helsinki: Human Rights Watch Report, 1994. Disponível em: <<https://www.hrw.org/sites/default/files/reports/AZER%20Conflict%20in%20N-K%20Dec94.pdf>>. Acesso em: abr. 2018.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY SCHOOLS FOR ADVANCED INTERNATIONAL STUDIES. *Nagorno Karabakh: Understanding Conflict 2013*. Disponível em: <<http://www.saisjhu.edu/sites/default/files/CM%20Field%20Trip%20NK%20March%2029%20Final.pdf>>. Washington, 2013. Acesso em: 14/08/2014.

MIRZOYAN, Alla. *Armenia, the regional powers, and the West: between history and geopolitics*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

MACDOUGALL, James C. *Post-Soviet strategic alignment: The weight of history in the South Caucasus*. Tese de Doutorado. Washington: Georgetown University, 2009. Disponível em: <repository.library.georgetown.edu>. Acesso em: abr. 2018

MONTEIRO DE CARVALHO, Rodrigo. *Análise Comparativa dos Processos de Formação de Alianças no Cáucaso do Sul a partir da Desintegração da URSS*. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2017.

SAPSEZIAN, Aharon. *História da Armênia: Drama e esperança de uma nação*. São Paulo: 1ª ed. Paz e Terra, 1988.

TURQUIA e Armênia vão discutir reaproximação. Estadão, São Paulo. 21 ago. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,turquia-e-armenia-vaio-discutir-reaproximacao,427580>>. Acesso em: 18/09/2017.